



## Revista Encontros Baobá

### MÃOS EM PUNHO: POÉTICA DA REVOLUÇÃO EM JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, A VEZ DA CRÔNICA

### HANDS CLENCHED: THE POETRY OF REVOLUTION IN JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, THE TURN OF THE CHRONICLE

### MANOS EN PUÑO: POÉTICA DE LA REVOLUCIÓN EN JOSÉ EDUARDO AGUALUSA, EL TURNO DE LA CRÓNICA

Francisca Luciana Sousa da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar o gênero crônica na produção literária do escritor José Eduardo Agualusa, com destaque para treze delas publicadas no jornal português *Visão*, entre 2019 e 2020. Agualusa reforça, em *Os Vivos e os Outros*, que a palavra é o motor da história. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). O romance trata do fim do mundo, mas têm um lado redentor: o de que é possível recomeçar o mundo pela palavra. A proposta da investigação foi identificar temas recorrentes, como guerras de independência, pós-colonialismo, democracias em xeque, corrupção, personagens colhidos da História ou da memória afetiva do autor, presentes em outras produções (romances, contos, poesia e literatura infantil). O estudo demonstrou que a presença de elementos comuns em gêneros literários que transitam entre si sugere um estilo, ora intitulado “poética da revolução”. Não se trata de algo exclusivo de Agualusa, longe disso, é uma característica bem marcada de outros escritores e escritoras de literatura africana. Acredita-se, assim, contribuir com novas perspectivas para os Estudos Literários, especialmente relacionados a estudos pós-coloniais. Na fundamentação teórica, apresentam-se algumas hipóteses para as questões levantadas. São elencados os principais temas tratados pelo escritor angolano em treze crônicas publicadas entre 2019 e 2020, que vão da resistência ao animismo, passando pela poesia do cotidiano.

<sup>1</sup> Doutora em Letras UFMG, Tutora ISEIB, Professora de Artes do NAEC pela Secult/Eusébio. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9475-1259>; E-mail: franciscalucianasousadasilva@gmail.com.

**Palavras-chave:** José Eduardo Agualusa; crônica; pós-colonialismo.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the chronicle genre in the literary production of writer José Eduardo Agualusa, highlighting thirteen of them published in the Portuguese newspaper Visão between 2019 and 2020. Agualusa reinforces, in Os Vivos e os Outros (The Living and the Others), that words are the driving force behind history. “In the beginning was the Word, and the Word was with God, and the Word was God” (John 1:1). The novel deals with the end of the world, but it has a redeeming side: that it is possible to restart the world through words. The research proposal was to identify recurring themes, such as wars of independence, post-colonialism, democracies in check, corruption, characters taken from history or from the author's affective memory, present in other productions (novels, short stories, poetry, and children's literature). The study showed that the presence of common elements in literary genres that overlap suggests a style, now called “poetics of revolution.” This is not something exclusive to Agualusa; far from it, it is a well-marked characteristic of other writers of African literature. It is believed, therefore, to contribute new perspectives to Literary Studies, especially related to postcolonial studies. In the theoretical framework, some hypotheses are presented for the questions raised. The main themes addressed by the Angolan writer in thirteen chronicles published between 2019 and 2020 are listed, ranging from resistance to animism, through the poetry of everyday life.

**Keywords:** José Eduardo Agualusa; chronicle; post-colonialism.

## RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar el género de la crónica en la producción literaria del escritor José Eduardo Agualusa, destacando trece de ellas publicadas en el periódico portugués Visão, entre 2019 y 2020. Agualusa refuerza, en Os Vivos e os Outros, que la palabra es el motor de la historia. «En el principio era el Verbo, y el Verbo estaba con Dios, y el Verbo era Dios» (Jo 1,1). La novela trata sobre el fin del mundo, pero tiene un lado redentor: el de que es posible recomenzar el mundo a través de la palabra. La propuesta de la investigación fue identificar temas recurrentes, como guerras de independencia, poscolonialismo, democracias en jaque, corrupción, personajes tomados de la historia o de la memoria afectiva del autor, presentes en otras producciones (novelas, cuentos, poesía y literatura infantil). El estudio demostró que la presencia de elementos comunes en géneros literarios que se entrecruzan sugiere un estilo, ahora denominado «poética de la revolución». No se trata de algo exclusivo de Agualusa, ni mucho menos, es una característica muy marcada de otros escritores y escritoras de literatura africana. Se cree, así, contribuir con nuevas perspectivas a los Estudios Literarios, especialmente relacionados con los estudios poscoloniales. En la fundamentación teórica se presentan algunas hipótesis para las cuestiones planteadas. Se enumeran los principales temas tratados por el escritor angoleño en trece

crónicas publicadas entre 2019 y 2020, que van desde la resistencia al animismo, pasando por la poesía de lo cotidiano.

**Palavras clave:** José Eduardo Agualusa; crónica; poscolonialismo.

## INTRODUÇÃO

Estou longe de ser uma especialista na obra de José Eduardo Agualusa. Escrevo como leitora apaixonada desde o primeiro romance que me foi sugerido por uma amiga vivendo longe da pátria: *Rainha Ginga* (E de como os africanos inventaram o mundo), de 2015. Na sequência, passando sem compromisso por uma livraria, dois títulos me caíram nos olhos: *Milagrário pessoal* (apologia das varandas, dos quintais e da língua portuguesa, seguida de uma breve refutação da morte), de 2010, e *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), sobre os quais escrevi no segundo volume de *Olhos d’África* (2019)<sup>2</sup>. A estes se seguiu *O vendedor de Passados* (2018), publicado originalmente em 2004 e um dos que foi premiado em festivais internacionais<sup>3</sup>. Também foi adaptado para o cinema por Lula Buarque de Hollanda em 2015 com Lázaro Ramos, Alinne Moraes, Odilon Wagner, Mayana Veiga.

Além dos títulos sugestivos e fascinantes, como se costuma frisar em lançamentos, debates, entrevistas e mais recentemente em *lives*<sup>4</sup>, que proliferaram como um vírus durante a pandemia da Covid-19, quando originalmente o artigo foi concebido, há outras razões para meu enamoramento literário e escrita de um novo artigo. Destaco as epígrafes poéticas, proverbiais e lendárias que se somam a sua veia de fabulador. Há um profundo respeito e carinho com esta matéria-prima: a palavra. E ele faz bem em lembrar na entrevista concedida à TV 247<sup>5</sup>: "A poesia começou por ser uma disciplina da magia. Os magos, os sacerdotes eram aquelas pessoas que, através da palavra, inventavam a realidade, criavam uma realidade". E referindo-se ao movimento independentista de Angola, lembra que começou como movimento literário encabeçado por poetas, só depois transformando-se, pouco a

<sup>2</sup> “Sonhos e destinos em trânsito em dois romances de Agualusa: *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017) e *Milagrário pessoal* (2010)”.

<sup>3</sup> Ver mais aqui: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=455>

<sup>4</sup> “O intermitente diálogo entre o jornalismo e a literatura”, com mediação da Profa. Aíla Sampaio, do Centro de Ciências da Comunicação de Gestão (CCG) da Universidade de Fortaleza (Unifor). Disponível em: <https://youtu.be/8BMnCgW6cek> Acesso em: 1º jul. 2020.

<sup>5</sup> “Entrevista com José Eduardo Agualusa”, com a jornalista Stefani Costa e o editor Marcos Pamplona no canal TV 247, sobre a publicação e o lançamento de décimo terceiro romance: 'Os Vivos e Os Outros'. Disponível em: <https://youtu.be/oJxDjI94iaU> Acesso em: 24 jul. 2020.

pouco, em movimento político. E reportando-se a Rui Duarte de Carvalho, um dos maiores poetas angolanos, segundo ele: “Tudo começou pela poesia”.

Dito isso, reproduzo as epígrafes de dois romances já evocados: *Rainha Ginga* e *Milagrário pessoal*, e ainda *Os Vivos e os Outros*, que mantêm a essência da palavra engendrada, mais forte que a espada, porque a nomeia (numa alusão a Shakespeare):

Quando as águas cobriram a Terra e depois nasceram as florestas, sete grandes pássaros, as nossas mães ancestrais, vieram voando desde o imenso além. Três desses pássaros pousaram na árvore do mal. O sétimo ficou voando de uma árvore para outra. (Lenda iorubá)

A luz com que vês os outros é a mesma com que os outros te veem a ti. (Provérbio nyaneka. In: Agualusa, 2015, p. 7)

No princípio os homens não falavam. Nenhum animal falava, exceto os pássaros. Havia um saco com palavras que estava à guarda da Andua<sup>6</sup>. Foi então que apareceu um rapaz com um único braço, uma única perna e só metade da cabeça. O rapaz roubou o saco das palavras, abriu o saco e meteu as palavras à boca. Na manhã seguinte, quando despertou, era uma pessoa inteira, mas metade rapaz e metade rapariga. Além disso falava, e a sua língua era ágil e harmoniosa como a dos pássaros.

De um conto tradicional ovimbundo, em *Seleção de contos, provérbios e adivinhas em umbundo*, de Jeremias Capitango. (Agualusa, 2010, p. 11)

No princípio havia chauta (deus) e a terra parada. Um dia um relâmpago imenso desenhou no céu a chuva que trouxe à terra o homem e todos os animais. (Ana Mafalda Leite, “A Lenda da Criação”. In: Agualusa, 2020, p. 13)

Agualusa reforça, em *Os Vivos e os Outros*, que a palavra é o motor da história. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). O romance trata do fim do mundo, mas têm um lado redentor: o de que é possível recomeçar o mundo pela palavra. A palavra é bênção ou maldição, lembra o autor. Mas não trataremos deste romance (ainda). Como foi prometido no título deste artigo, nosso objeto de análise é a crônica e sua relação com o que chamamos “poética da revolução”. Mas afinal, qual a natureza de uma poética revolucionária ou militante? Em que consiste? E o que nos leva a classificar a poética de Agualusa de revolucionária ou militante? Em que medida o gênero “crônica” sustenta tal análise?

Acreditamos, assim, contribuir com novas perspectivas para os Estudos Literários, especialmente relacionados a estudos pós-coloniais. Passaremos à fundamentação teórica na qual apresentamos algumas hipóteses para as questões levantadas. Elencaremos, a seguir, os principais temas tratados pelo escritor angolano em treze crônicas publicadas entre 2019 e

<sup>6</sup> s. f. || (zool.) nome dado em Capangombe (África Ocidental Portuguesa) a uma ave do gênero Carythaix (C. lewingtonia, Gray), outrossim duba.

2020, que vão da resistência ao animismo, passando pela poesia do cotidiano. Na sequência, propomos uma análise de duas dessas crônicas: “A árvore que engoliu o tempo” e “Todos os domingos”.

## Fundamentação teórica

Em quatro romances lidos do referido autor, identificamos temas recorrentes, como guerras de independência, pós-colonialismo, democracias em xeque, corrupção, personagens colhidos da História ou da memória afetiva do autor. Lendo outros trabalhos, resenhas e críticas sobre romances ainda não lidos, verificamos que alguns temas são mantidos, com alguma variação. *Teoria Geral do Esquecimento* é, de longe, um dos mais estudados. Mas o autor, além de romance, também escreve literatura infantil, poesia, conto e crônica sobre os quais há poucos trabalhos. Neles identificamos elementos comuns aos romances, sugerindo, assim, um trânsito entre os gêneros literários e um estilo que chamamos “poética da revolução”. Sobre poesia e revolução, disse Sophia de Mello Breyner Andresen em 10 de maio de 1975 durante o I Congresso de Escritores Portugueses<sup>7</sup>:

Compete à poesia, que é por sua natureza liberdade e libertação inspirar e profetizar todos os caminhos da desalienação.

(...)

Porque propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra toda a poesia é revolucionária.

(...)

Quem está realmente empenhado num país melhor e numa sociedade melhor, luta pela verdade da cultura. Aquele que é conivente da mediocridade é inimigo de uma sociedade melhor, mesmo que apregoe grandes princípios revolucionários. A revolução da qualidade é radicalmente necessária a uma revolução real.

**Onde a poesia não estiver nada de real pode ser fundado.**

(In: Andresen, 1977. Texto transscrito de áudio original. Grifo nosso.)

Pode soar provocativo buscar uma fala de escritores portugueses, mas o último trecho destacado, em certa medida, antecipa a fala de Agualusa em entrevista já referida (nota 5), a de que a poesia funda mundos. Além disso, trata-se de um dos maiores nomes da poesia lusitana que, com muita clareza de espírito e coragem, profere esse discurso pouco mais de um ano depois da Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974), que depôs o regime salazarista. Em 1975 ainda, Moçambique proclama independência de Portugal. A ele se seguem outros países colonizados por Portugal ao longo do século XX, não sem conflitos. O

<sup>7</sup> Disponível em: <https://escamandro.wordpress.com/2019/08/31/poesia-e-revolucao-por-sophia-de-mello-breyner-andresen/> Acesso em: 26 jul. 2020.

processo de descolonização em África tem início ainda nos anos 1950, logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, com Inglaterra, França e Itália “concedendo” independência às ex-colônias. Na década seguinte, a “conflitualidade anticolonial sobe de tom”<sup>8</sup> com Alemanha e Bélgica envolvidas nesse processo. Mas não se trata de um embate unicamente bélico: “Para além da luta feita com armas, a batalha se dá também em torno da palavra, sendo a expressão literária fundamental para legitimar um discurso contrário ao praticado na metrópole” (Micas, 2016, p. 67).

Não foi diferente na Angola de Agualusa, como já antecipamos (p. 2). Sobre o mesmo escopo, afirma Amílcar Cabral (1924-1973), político, agrônomo e teórico marxista da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, um dos principais teóricos da luta armada para a libertação africana:

O estudo da história das lutas de libertação demonstra que são em geral precedidas por uma intensificação das manifestações culturais, que se concretizam progressivamente por uma tentativa, vitoriosa ou não, da afirmação da personalidade cultural do povo dominado como acto de negação da cultura do opressor. Sejam quais forem as condições de sujeição de um povo ao domínio estrangeiro e a influência dos factores económicos, políticos e sociais na prática desse domínio, é em geral no facto cultural que se situa o germe da contestação, levando à estruturação e ao desenvolvimento do movimento de libertação. (“Libertação nacional e cultura”, Conferência pronunciada no primeiro Memorial dedicado ao Dr. Eduardo Mondlane, Universidade de Syracuse, (Estados Unidos de América) – (Programa de Estudos da África de Leste), em 20 de Fevereiro de 1970. *Sic*)<sup>9</sup>

Na esteira nos movimentos de independência, portanto, havia um projeto literário eminentemente político, que teve início em 1948 com o Movimento dos Jovens Intelectuais, em Angola (MICAS, 2016, pp. 67-8). As obras que daí resultam não se preocupam só com a temática, mas também com a forma, emparelhando o português ao quimbundo, muitas vezes evocado por Agualusa. Entre seus mestres, está Luandino Vieira (1935- ), luso-angolano que não se limita a uma oposição simplista. Antes, expõe “as contradições, a permeabilidade das relações, o sofrimento da guerra e a impraticabilidade do sistema colonial” (Micas, 2016, p. 68-9). Tendo escrito diversas obras na cadeia ( prisão em Luanda e Campo de Concentração de Tarrafal), sabe bem o peso de resistir:

As oito estórias curtas de *Vidas Novas* são casos exemplares destinados a encorajar um nível de resistência contra a máquina colonial e a sua nefária política secreta. Portanto, estas histórias algo panfletárias existiam nos anos 60 e primeiros anos da década de 70 como uma literatura subterrânea que circulava em manuscrito até serem publicadas em Paris, provavelmente em 64, por Edições Anti-Coloniais (Hamilton, 1975, p. 133 apud Micas, 2016, p. 69).

<sup>8</sup> <https://ensina.rtp.pt/artigo/independencias-paises-africanos/> Acesso em: 26 jul. 2020.

<sup>9</sup> Dossier 301: As feridas abertas da Guerra Colonial. Disponível em: <https://www.esquerda.net/dossier/amilcar-cabral-libertacao-nacional-e-cultura/63817> Acesso em: 26 jul. 2020.

Ainda sobre resistência<sup>10</sup>, a estudiosa destaca o papel da escrita como “artífice de resistência” traduzida em diferentes facetas, que incluem a superação dos autores em arriscadas condições para inscrever sua produção na história, além de resistir ao discurso unilateral e exógeno, até então predominante, viabilizando a voz de uma nação (Micas, 2016, p. 70). Ela também cita um importante texto que amplia a discussão para além das literaturas africanas e é digno de nota: *Literatura e resistência* (2002), de Alfredo Bosi. Com esmero, lucidez e argúcia, Bosi traça um panorama de literaturas escritas em língua portuguesa com forte acento crítico. Merecem destaque os capítulos “As sombras das luzes da condição colonial”, em que evoca, via Basílio da Gama, a Rainha Ginga; “Narrativa e Resistência” e “Poesia versus Racismo”, muito afinados à nossa discussão. Cumpre pôr em relevo sua definição de *resistência*:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é de/sistir. (Bosi, 2002, p. 118)

Bosi lembra, no entanto, que a experiência e o testemunho dos artistas não se limitam à força de vontade, que viria depois. Em primazia, a arte tem a ver com as potências do conhecimento, a saber: intuição, imaginação, percepção e memória (idem). Sem elas, a força de vontade tende a ver navios...

Herdeiro e contemporâneo (em parte) dessa geração de bravos (nasce em 1960), Agualusa, por sua vez, empresta características pessoais a alguns personagens, que aparecem e reaparecem em mais de um romance, na pele de jornalista, escritor e fotógrafo, por exemplo. Eles testemunham massacres, violações em diferentes graus e também questionam o próprio lugar no mundo. Ele por ele mesmo. Escritor e ativista. Imaginação, percepção e memória são condições imprescindíveis na sua obra. Algumas espantam pela elevada intuição.

Quanto à sustentação de uma escrita engajada, militante, não necessariamente panfletária (causas em vez de partidos ou agremiações), acreditamos ser plausível e possível pela hibridez do gênero em questão. Sendo a crônica considerada de aspecto “comezinho” por seu caráter mais geral, cotidiano, imediato, teria maior alcance, mesmo quando são trabalhados temas difíceis, como os ataques às instituições democráticas, o drama dos refugiados ou de povos originários. Com leveza, acidez ou ironia, pautas amplamente exploradas em romances e contos voltam na brevidade da crônica, sem descuidar do literário. É o que veremos a seguir.

---

<sup>10</sup> Sobre o tema, ver também: Paradiso (2014), Bamboky, P. (2018), Secco (2011), Mata (2014).

## 13 crônicas e um segredo<sup>11</sup>

Crônica	Data de publicação	Temas e palavras-chave
<i>Todos os domingos</i>	Crônica publicada na VISÃO em 03. Julho 2020	(Pós) colonialismo, projeto escravocrata, derrubada de estátuas, memória, resistência
<i>A nova irrealidade</i>	Crônica publicada na VISÃO 1421 de 28 de maio   Web 05.06.2020 às 08h20	Flerte, solidão, música, <i>flâneur</i> , timidez, confinamento, distâncias relativas, live, realidade (s), sonho, (des) encontro, ilusão.
<i>O amor mascarado</i>	Crônica publicada na VISÃO 1417 de 30 de abril   Web 08.05.2020 às 08h30	Confinamento, distanciamento social, serviços essenciais, signos da pós-modernidades, questões sanitárias e ambientais, contexto pandêmico, lugares da infância, memória, rotina.
<i>O escaravelho verde</i>	Crônica publicada na VISÃO 1389 de 17 de outubro   Web 25.10.2019 às 07h22	Ancestralidade, infância, migração, drama dos refugiados, negritude, escravidão, invisibilidade, mudanças políticas, populações desprotegidas, desaparecimento
<i>O domador de borboletas</i>	Crônica publicada na VISÃO 1413 de 2 de abril   Web 10 de abril 2020	Passado colonial, língua materna e língua estrangeira, dialetos, ancestralidade, exotismo, animismo, sonho, pensamento mágico, Rainha Ginga, historiografia, manuscritos, tempo, teoria da relatividade.
<i>O encantador de cães</i>	Opinião publicada na VISÃO 1409 de 5 de março   Web 13.03.2020 às 08h30	Cães de caça, perdizes, cabras, patente, flatulência, mentira, medo, covardia, cansaço, velhice, comunicação sensitiva com os animais, blefe.
<i>Um terrível equívoco</i>	Crônica publicada na VISÃO 1405 de 6 de fevereiro   Web 14.02.2020 às 08h15	Racismo
<i>O intérprete de pássaros</i>	Opinião publicada na VISÃO 1401 de 9 de janeiro Web   17.01.2020 às 08h30	Angola, guerra civil angolana, tradução, imitação, animismo, consulta oracular, provérbios, colonialismo, morte.
<i>Uma volúpia carmim</i>	Crônica publicada na VISÃO 1393 de 14 de novembro   Web 21.11.2019 às 08h25	Lenda, bode, cerveja, Gregório de Matos, carta de amor, crimes violentos, sonho
<i>O triste fim de Jair Messias Bolsonaro</i>	Crônica publicada na VISÃO 1385 de 19 de setembro   Web 26.09.2019 às 09h15	Crítica social, sonhos, ironia, política brasileira, doença JMB, resistência
<i>A árvore que engoliu o tempo</i>	Crônica publicada na VISÃO 1381 de 22 de agosto   Web 30.08.2019 às 07h30	Consciência ambiental, ancestralidade, magia, mistério, tempo, fotografia, filme.
<i>O homem que vê morrer o mar</i>	Crônica publicada na VISÃO 1365 de 2 de maio   Web 10.05.2019 às 07h20	Infância, memória, degradação x consciência ambiental, cidadania.
<i>Os universos suspensos da Síria</i> (A crônica de estreia de José Eduardo Agualusa na VISÃO)	Crônica publicada na VISÃO 1361 de 4 de abril   Web 12.04.2019 às 07h28	Hagiografia, sonhos, humanidade, caos.

Fonte: A autora.

Listamos, como prometido, treze crônicas publicadas mensalmente por Agualusa no jornal português *Visão*. Ele também escreve para *O Globo*, por vezes tratando dos mesmos

<sup>11</sup> Disponíveis aqui: <https://visao.sapo.pt/opiniao/a/nem-tudo-e-ficcao>.

temas ou remetendo a algum ponto específico sobre o qual versará, como em *O escaravelho verde*, que trata do desaparecimento de um jovem negro após ser levado com alguns amigos pela polícia. Lembra cenas corriqueiras nos morros cariocas e outras periferias do Brasil, mas na realidade é outro contexto. Trata-se da habilidade de tornar-se invisível, que muitos no Brasil também conhecem, como reforçou a equipe econômica do atual governo federal, incluindo o presidente da Caixa Econômica Federal.

Há temas recorrentes, já o dissemos, o que fica mais perceptível logo após o período de confinamento este ano. A experiência é convertida em matéria literária, como lemos em *O amor mascarado* e *A nova irrealidade*. Outra experiência pautada nos romances aparece nas crônicas: a primeira delas, *Os universos suspensos da Síria*, de beleza plástica (sugerida) pungente. Ironicamente poética. A exemplo do novo romance, *Os Vivos e os Outros*, nesta crônica Agualusa retrata um mundo pós-apocalíptico: “Terminava ali toda uma era. Uma outra começava. Muitas guerras aconteceriam depois daquela, mas nenhuma tão elevada”. Última frase.

Os animais há muito ilustram seu universo, compondo um verdadeiro bestiário, como atesta a pesquisa de Barossi (2017). Mesmo quando não aparecem no título, figuram no corpo do texto, como em *O homem que vê morrer o mar*. Golfinhos, baleias, cavalos-marinhos, camarões e lagostas, da fauna marinha; cães, borboletas, pássaros e escaravelho, da fauna terrestre. Também há cabras e bodes, um deles lembrando nosso nobre e popular Bode Ioiô. No romance *O vendedor de passador* (2004), temos um narrador-personagem próprio do realismo mágico, muitos preferem chamar de animismo por ser mais natural. Trata-se de uma osga, lagartixa no Brasil, “briba” no Ceará<sup>12</sup>. Antecipando-se mais uma vez, chama o que ainda ocupa a cadeira de presidente do Brasil de “doença JMB”, fazendo-o sonhar com veado albino, onça e índio, que oportunamente lançam-no sobre a floresta incendiada, ocasião em que o Brasil, “soltando um profundo suspiro de alívio”, voltou a respirar. O tom, como se pode depreender, é de fábula ou farsa, no melhor estilo de Gil Vicente, Gregório de Matos ou mais obviamente Lima Barreto. Vale cada linha: “(...) e a vida recomeçou, como se nunca, à superfície do planeta Terra, tivesse existido uma doença chamada Jair Messias Bolsonaro”. Assim seja.

## Duas filhas de Cronos

---

<sup>12</sup> Este termo era desconhecido de Agualusa, mas foi sanado na última Bienal Internacional do Livro do Ceará, quando, sem livro para pedir autógrafo, dei-lhe de presente uma palavra. Ele aceitou com muito gosto...

Passemos, pois, ao terceiro e último ponto: a análise das crônicas prometidas a fim de atestar ou refutar as hipóteses levantadas.

As crônicas escolhidas têm no título a chave da escolha que nomeia este subtópico. Não se trata da geração olímpiana, tema da poesia hesiódica, mas do próprio tempo, que é cíclico, moto perpétuo – “Todos os domingos” – e efêmero, devorando-se a si mesmo qual Uróboros – “A árvore que engoliu o tempo”.

Lembremos o que diz o dicionário *Caldas Aulete* sobre o gênero.

**(crôni.ca)** sf.

1. Liter. Breve narrativa sobre temas cotidianos e atuais [+ de, sobre: *crônica de / sobre um bairro*.]
2. Jorn. Coluna ou seção em revista ou jornal, ger. assinada, com comentários, críticas, narrativas etc, sobre temas ou fatos momentosos de interesse diverso (culturais, esportivos, políticos, sociais etc.), ger. a partir de noticiário
3. Gênero ou categoria ou conjunto de textos ou matérias que se referem a tema ou atividade de determinada especialidade (*crônica* esportiva, *crônica* política)
4. Hist. Narração de fatos históricos em ordem cronológica (*crônica* republicana). [+ de: *crônica do império brasileiro*. O gênero evoluiu, de relato verídico de eventos historicamente relevantes, a análise e comentários sobre temas correntes e cotidianos da sociedade, como os sociais, políticos, culturais etc.]
5. Descrição da genealogia de uma família nobre, da vida de um rei etc.
6. Liter. Narrativa com descrição de personagens e da evolução de fatos e circunstâncias ao longo do tempo; ROMANCE: "...leia a *Crônica do Condestabre* ou a *Crônica de Dom Pedro de Menezes*." (Alberto da Costa e Silva, *As caravelas na Senegâmbia*.)
7. Mid. Relato detalhado dos principais acontecimentos de uma determinada situação ou evento: *Encarregou-o de fazer a crônica do jogo decisivo*.
8. Pop. Conjunto de notícias ou boatos referentes a certos fatos ou assuntos: É surpreendente a *crônica* de traições no meio político.
9. Pop. Biografia escandalosa: Sua *crônica* era conhecida por toda a vizinhança. [F.: Do gr. *chroniká*, pelo lat. *chronica*.]

Os breves exemplos aqui pontuados aplicam-se a mais de uma das definições elencadas, demonstrando o caráter dinâmico e polivante, por assim dizer, da crônica. O próprio romance é a ela associado, como ilustra o verbete de nº 6.

Comecemos pela última, em ordem cronológica, afinal, em tempos de quarentena, todo dia é domingo. Aparentemente. O mercado laboral (dos que não foram demitidos ou temporariamente desligados) e o financeiro fazem questão de lembrar o contrário, consumindo horas preciosas. O das *Fake News* também.

Segue o mote de Agualusa para a referida crônica:

Cada uma daquelas estátuas pretendia perpetuar a **memória** e a grandeza do **projeto escravocrata**. Ao mesmo tempo, assinalavam um vazio, pois erguiam-se por entre o triste silêncio dos humilhados e esquecidos. Não disse nada. Ficaram os dois calados, assistindo ao espetáculo da turba que, depois de atirar baldes de tinta vermelha contra o rosto da estátua, se afadigava agora a amarrar grossas cordas nas pernas marmóreas da mesma (Grifos nossos).

No quadro proposto, antecipamos duas das palavras-chave aqui destacadas. A *memória* dos vencedores, tão celebrada, escamoteia a dos vencidos. Não se consegue respirar, lembrando George Floyd<sup>13</sup>, desde os navios negreiros, até chegar aos camburões<sup>14</sup> ou botas de policiais que insistem sufocar um homem – ou um garoto – já rendido. No Brasil, a violência policial é tão ou mais letal que nos EUA e não recrudesceu, mesmo durante a pandemia. As reações ao assassinato de Floyd literalmente incendiaram os EUA, promovendo marchas especialmente aos domingos, passando a incluir a derrubada de estátuas ainda erguidas em favor da escravidão. Outros países, incluindo o Brasil, aderiram ao movimento, mas a retirada desses ícones de ferro e chumbo está longe de ser consensual. Em vez de perguntar “por que derrubar”, seria melhor indagar por que ainda estão de pé. Portanto, memória, percepção, resistência.

Pergunta Agualusa por meio de Hipólito Azaguri: “Com quanto esquecimento se ergue uma estátua?”. Não há resposta para o pensamento silencioso do personagem. Há reminiscência: uma linda canção peruana<sup>15</sup> cantarolada por ele enquanto monta o tabuleiro de xadrez. E em que consiste o projeto escravagista? Quem decide as jogadas, o que é feito dos peões? A própria amizade é posta em xeque, até serem vencidos pelo olfato e também pelo paladar, como podemos ler na passagem seguinte, elucidativa do título:

Isaías e Hipólito haviam combatido em Angola. *Um ganhara, outro perdera. O que ganhara, perdera um pé. O que perdera, ganhara uma entranhada paixão pela culinária angolana.* Conheceram-se alguns anos depois da independência de Angola, porque Hipólito precisava de uma nova prótese e alguém lhe indicara o nome de Isaías. O antigo soldado português fabricava próteses estéticas hiper-realistas em silicone. Ficaram amigos. Mais tarde, Hipólito reformara-se, trocara Luanda por Lisboa, e desde então os dois homens passaram a encontrar-se *todos os domingos*.

(...) Isaías ia retorquir – “ideias não se matam assim” –, mas desistiu. O calulu estava excelente. Fazia calor. Bebeu um gole de cerveja e sorriu. As estátuas que caíssem todas. O mundo que tremesse e se exaltasse. Não havia causa ou revolução que valesse o caloroso templo de dona Fina.

A apresentação das personagens alinha-se ao desfecho: ambos perdem e ganham: o juízo, por um lado; a satisfação da fome, por outro. Xeque-mate.

<sup>13</sup> (...) um homem afro-americano de 46 anos, que havia acabado de ser preso pela polícia em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos. Em 25 de maio de 2020”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252> Acesso em: 27 jul. 2020.

<sup>14</sup> Alusão à letra “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, do grupo Rappa. Compositores: Marcelo Falcão Custodio / Marcelo De Campos Lobato / Nelson Meirelles De Oliveira Santos / Marcelo Fontes Do Nascimento Viana De Santana / Alexandre Monte De Menezes © Warner/chappell Edições Musicais Ltda. Data de lançamento: 1994. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=x\\_Tq34rysAc](https://www.youtube.com/watch?v=x_Tq34rysAc) Acesso em: 27 jul. 2020.

<sup>15</sup> **Cada Domingo a las Doce Paroles.** (nd). Lyrics.com. Consulté le 24 juillet 2020 sur <https://www.lyrics.com/lyric-lf/1474695/Macha+Y+El+Bloque+Depresivo>.

A epígrafe que abre este artigo é da crônica que ora analisamos. *A árvore que engoliu o tempo* tem no lirismo sua base. Nem herói trágico (Hipólito), nem profeta hebreu (Isaías). Traz entre os personagens a remissão a um filósofo, Aristóteles, “um antigo guerrilheiro que há muitos anos trabalha para Sérgio como motorista, mecânico e competente eletricista”. A flora ameaçada é o mote, derrubada não de estátuas, mas de árvores, grandes árvores, para dar lugar a empreendimentos. O tom é o do mistério: “O ar estava carregado de perplexidade estática”.

Entendemos que a resistência, nesse caso, opera exatamente através do mistério. Não se pode conquistar ou dominar tudo, por mais que se tente silenciar. É assim com corpos negros, com as populações nativas de diferentes etnias, com espécies ameaçadas de ou já em extinção. O sangue ou a seiva derramados dão lugar a algo maior que o ódio. Daí a importância de refundar mundos pela palavra: “– Um mistério – é isso que está lá dentro. Enquanto não abrirmos o cofre teremos sempre um belo mistério. Se o abrirmos, não sei o que teremos. Provavelmente, nada tão interessante”.

## CONSIDERAÇÕES

Propusemos um estudo do gênero crônica em Agualusa em comparação a sua produção romanesca. Chamamos de “poética da resistência” dada a recorrência de algumas temáticas, como as guerras de independência, as contradições entre colonos e colonizados, por extensão entre seus sucedâneos, que resultam em crises profundas e amargas, como a dos refugiados.

Levantamos três questões cujas hipóteses foram apresentadas no segundo passo do texto, junto à fundamentação teórica, que trouxe, entre outros nomes, Amílcar Cabral, Luandino Vieira e Alfredo Bosi. A seguir esboçamos um quadro temático para treze crônicas publicadas no jornal *Visão* de Portugal, com destaque para a recorrência de alguns verbetes, que tanto constituíam temas como palavras-chave. Trouxemos algumas passagens que julgamos relevantes para a proposta analítica apresentada, a saber, a natureza de uma poética da resistência tendo a crônica como suporte. Por fim, analisamos, brevemente, duas crônicas, confirmando, assim, as hipóteses apresentadas.

Acreditamos, com isso, ampliar o escopo de análise das literaturas de matriz africana, com expressão em língua portuguesa, para além do gênero romance. Defendemos também uma poética da resistência como expressão legítima e autêntica dos autores envolvidos, entre eles, José Eduardo Agualusa.

## REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- AGUALUSA. **Milagrário pessoal**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- AGUALUSA. **A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo**. Rio de Janeiro: Foz, 2015. 236 p.
- AGUALUSA. **A sociedade dos sonhadores involuntários**. São Paulo: Planeta, 2017.
- AGUALUSA. **Os Vivos e os Outros**. Lisboa: Quetzal, 2020.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyser. **O nome das coisas**. Lisboa: Moraes, 1977. 1<sup>a</sup> ed.
- AULETE, Caldas. “Crônica”. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital**. São Paulo: Lexikon, 2009. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cr%C3%B4nica> Acesso em: 26 jul. 2020.
- BAMPOKY, Providence. A literatura negro-africana de expressão francesa: uma nova forma de resistência ao colonialismo. **Cadernos CERU**, v. 29, n. 1, p. 31-49, 2018.
- BAROSSI, Luana. A Zoo (po) ética de Agualusa. **Ilha do Desterro**, v. 70, n. 2, p. 83-91, 2017.
- CABRAL, Amílcar. Libertação nacional e cultura. **Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais. Contextos pós-coloniais**, p. 355-375, 2011.
- DIAS, Juliana Braz et al. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 9-22, 2015.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUCC de Pesquisa**, v. 16, p. 13-69, 2007.
- FORNOS, José Luís Giovanoni. Cultura, língua e literatura em *Milagrário pessoal*, de José Eduardo Agualusa. **Navegações**, v. 9, n. 1, p. 86-92, 2016.
- LARANJEIRA, Pires. As literaturas africanas de língua portuguesa. **Scripta**, v. 3, n. 6, p. 237-244, 2000.
- MATA, Inocêncio. Estudos pós-coloniais. Desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 27-42, 2014.
- MATA. O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. *In: Congresso internacional da ALADAA* (Associação latino-americana de estudos de Ásia e África). 2000.

MICAS, Ligia Helena. Escrita e leitura como práticas de resistência em Angola – a literatura nos anos que rondam a independência. **Revista Crioula**, n. 18, p. 64-75, 2016.

MINUZZI, Luara Pinto. AGUALUSA, José Eduardo. A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo. Rio de Janeiro: Foz, 2015. 236 p. **Navegações**, v. 9, n. 2, p. 200-202, 2016.

PARADISO, Silvio Ruiz. Pós-colonialismo, resistência e religiosidade nas literaturas africanas: algumas perspectivas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 2, n. 1, p. 72-83, 2014.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. A literatura e a arte em Angola na pós-independência. **Revista Conexão Letras**, v. 8, n. 9, 2013.

SECCO. As literaturas africanas de língua portuguesa: um percurso de cantos e desencantos. **Vernaculum**, v. 3, n. 3, 2011.